

Diário De Uma Migrante Venezuelana: O Slow Journalism Na Desconstrução De Discursos Estigmatizadores Da Migração¹

Adriele Pereira de Lima de SOUZA²
José Tarcísio da Silva OLIVEIRA FILHO³
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

O jornalismo lento é uma vertente do *slow movement* que traz conteúdo informativo com mais profundidade e reflexão, diferente da notícia contemporânea. Este estudo investiga como o jornalismo lento pode desafiar os discursos estigmatizados sobre as migrações venezuelanas. Analisando especificamente a reportagem *Diário de uma refugiada*, da Folha de São Paulo, através das metodologias de estudo de caso e análise de conteúdo, o objetivo é compreender como essa abordagem influencia a cobertura de eventos complexos, como a migração. No entanto, observa-se que o jornalismo lento ainda enfrenta desafios ao lidar com a subjetividade do jornalista e a complexidade da temática.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo lento; reportagem; estigmas; migração venezuelana.

INTRODUÇÃO

As migrações venezuelanas contemporâneas foram motivadas por crises políticas, econômicas e sociais, e intensificadas após a morte de Hugo Chávez em 2013. Em 2018, o fluxo migratório se agravou, sendo reconhecido pela ONU como uma crise humanitária no Brasil. Esse fenômeno recebeu ampla cobertura jornalística, rendendo reportagens longas, imersivas e de interesse público. Com essas características, destaca-se formatos emergentes, como o *slow journalism*, um jornalismo com apuração, ética e acessibilidade. Lento ou grande para que o consumo seja calmo e informativo sobre um assunto, que também não precisa ser atual e nem estar na mídia rápida (Nickel; Fonseca, 2020).

Assim, o problema norteador desse trabalho é como a reportagem *Diário de uma migrante venezuelana*, da Folha de São Paulo, se caracteriza no *slow journalism* com uma perspectiva de desconstrução dos discursos estigmatizados que perpassam pelas notícias sobre migração? Por isso buscou-se entender o jornalismo lento, explorando o jornalismo como produção de conhecimento em contraposição aos valores de objetividade e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: adrielelimaps@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFRR, email: jose.tarcisio@ufrr.br

agilidade, atrelado à imersão no *slow journalism*, desde o surgimento até estudos recentes de Megan Le Masurier (2015) e Michele Prazeres (2018). Também foi necessário compreender os estigmas das migrações a partir de uma análise dos pensamentos de Abdelmalek Sayad (1989) e Stuart Hall (2003) sobre o assunto.

As metodologias utilizadas são, além da pesquisa bibliográfica, o estudo de caso (Yin, 2001), em que se explorou as características da matéria como um produto *slow* e os bastidores da realização do material jornalístico, incluindo uma entrevista com a jornalista Flávia Mantovani; e a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) da reportagem, permitindo inferências a partir de estudos sobre estigma na migração e no jornalismo.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Originalmente intitulada como *Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil* (Mantovani, 2020), a reportagem é um conteúdo jornalístico produzido pela jornalista Flávia Mantovani e publicada na Folha de São Paulo em 12 de dezembro de 2020. O material foi produzido com apoio da Fundación Gabo e do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur) e é composto de trechos do diário de Francis Salazar, uma migrante venezuelana, de 41 anos à época, com informações sobre a mudança do perfil da imigração no Brasil.

Segundo a publicação, o diário foi uma proposta à Francis para escrever, por um mês, sua trajetória como imigrante e a experiência vivida durante os mais de dois anos de exílio, iniciado em 2018. A personagem principal é mãe solo de duas crianças e cuida dos pais e da avó. Natural de Pariaguan, Francis é formada em advocacia e administração, e saiu do seu país após a necessidade de conseguir remédio (Mantovani, 2020).

A reportagem, que foi publicada tanto na versão impressa quanto na web, é mais multimidiática no ambiente digital. Contém oito hiperlinks para informações sobre o número de “crianças abandonadas na Venezuela por pais migrantes”, galeria de fotos que mostram o êxodo venezuelano, diário de Francis traduzido na íntegra, matéria sobre a interiorização de migrantes, também sobre o petróleo no país caribenho, a liberação para entrada de venezuelanos no Peru, a fome no território e a discriminação em Roraima. Além desses, há o vídeo, um carrossel com oito fotos de Francis na produção do diário e infográficos com dados que quantificam e caracterizam as mulheres venezuelanas no Brasil, em um perfil sociodemográfico.

A análise do que foi exposto sobre a reportagem, vídeo e diário pode gerar reflexões em duas frentes: 1) o *slow journalism* como problematizador da atualidade e da objetividade no campo jornalístico; e 2) como esse movimento jornalístico pode lidar com as complexidades da temática migratória venezuelana dentro do diário da refugiada.

O *slow journalism* critica a produção rápida de notícias atuais para evitar conteúdos superficiais. A partir de todo o processo teórico, percebe-se que o movimento se aproxima da ideia de Genro Filho (1987), no qual as notícias devem cristalizar a singularidade e contribuir para a sociedade, indo além do interesse público, e aponta o jornalista como construtor da realidade social e do conhecimento, a partir das experiências e ciências (Gadini, 2007; Genro Filho, 1987). Pontes (2017) reforça que isso é possível quando há investigação e investimento intelectual do jornalista diante das inúmeras singularidades.

Quanto à atualidade, esse movimento jornalístico não se prende à temporalidade, porque um fato antigo, mas com um olhar diferenciado do jornalista, pode ser pauta por décadas. Neste entendimento, isso é possível porque, alinhado à teoria construcionista de Tuchman (1983 apud. Gadini, 2007), as notícias conferem caráter além da existência como ocorrência pública, entrega novos significados e sentidos aos comportamentos sociais (Gadini, 2007). Já na atualidade enquanto jornalismo instantâneo, simultâneo, periódico, novo e revelador, descritos por Franciscato (2003), os produtos lentos não são instantâneos, não têm periodicidade e não atuam como pautas quentes, enquanto novidade recente. No entanto, utilizam da simultaneidade para estar presente em diversos meios de comunicação e trazer perspectiva diferente entre as várias que existem sobre um evento.

O jornalismo lento também é um apanhado de outras formas jornalísticas pois tem a imersão, a subjetividade, a investigação, algumas vezes a literatura e, principalmente, o tempo e a extensão narrativa que vem acompanhada da multimidialidade do meio digital. Por isso, Prazeres (2018) e Le Masurier (2015) não se distanciam da ideia de utilizar as tecnologias para somar às produções *slow*.

Assim, esse movimento é mais uma perspectiva do fazer jornalístico construído e aprofundado, com narrativas que permitem a participação do público para o público. Relaciona-se, então, à objetividade 3.0 de Schudson (2020) e a subjetividade de Moraes (2020), de modo que as produções podem ser objetivas, com fatos e investigação, e subjetivas, com várias verdades, cargas culturais e o entendimento do jornalista.

Com todo o material (site, impresso, vídeo e diário) pode-se considerar a reportagem como exemplo de produção do *slow journalism* no Brasil. A entrevista com a jornalista Flávia Mantovani também aponta esse caminho, pois o tempo para produção foi de cinco meses, no qual ela afirma que foi um tempo muito maior do que o comum para realização de outras pautas. Outros fatores, conforme Le Masurier (2015), é a presença da investigação com tempo e a escrita com qualidade que gera a narrativa extensa, pois não há pressão, mas dedicação à precisão dos fatos (Le Masurier, 2015).

Além disso, dentro do movimento *slow* o jornalismo é descrito como bom, limpo e justo, entendido até aqui como ético, apurado e acessível. Quanto a isso, a deontologia da jornalista é considerada pelo fato de não usar da personagem apenas para obter informações. A presença e convivência de Flávia, uma vez que as duas já se conheciam, humaniza a notícia pela sensibilidade de lidar com a temática trabalhada. Isso leva à apuração e ao cuidado de trazer informações relevantes, principalmente porque Flávia precisou ir ao encontro de dados oficiais e especialistas, totalizando 14 fontes.

A partir da ideia de identificação da jornalista com a história de Francis, trago o segundo ponto dessa análise: as complexidades da temática migratória venezuelana nas produções lentas, de acordo com o material estudado. A presença da estigmatização acontece pela forma de pensar de Francis e em como a sociedade vê as migrantes. A personagem diz que prefere não opinar sobre política, que é frustrante sua formação acadêmica não ser aceita no Brasil (pelo alto custo para a revalidação de diploma), e que aceita, devido sua situação, estar trabalhando com serviços de limpeza em restaurantes e casas. Eram somente esses empregos que lhe apareciam (Mantovani, 2020).

Assim, a reportagem não estigmatiza. Apresenta que isso existe, mas não é utilizada na escrita para ajuizar Francis e as migrantes. O que se encaixa em estudos anteriores, de que o jornalismo deve conscientizar sobre as complexidades das migrações humanas, pois, mesmo que a jornalista não tenha interação na realidade da comunidade que descreve, tem experiência anterior sobre a temática (Costa, Lage, Takahama, 2020).

CONSIDERAÇÕES

O diário da refugiada apesar de não se “autoconsiderar” um produto do jornalismo lento, contempla características desse movimento. Sua extensão também se tornou suficiente para analisar o *slow journalism* enquanto contrariador da objetividade e da agilidade, a presença no Brasil e como ator em narrativas jornalísticas sobre as migrações.



Primeiramente, porque as produções lentas são uma construção mais profunda e detalhada, podendo ser objetivas, baseadas em fatos e investigação. Mas também subjetivas, incorporando singularidades, culturas, experiências e intelecto do jornalista.

Segundo, porque o diário proporciona extensão narrativa, lentidão na produção, apuração e singularidade em contar a história de uma refugiada para exemplificar a comunidade de mulheres migrantes que vem crescendo no Brasil. Com isso, observa-se que o desenvolvimento do *slow journalism* no país acontece de modo silencioso, muitas vezes comparado a outros formatos noticiosos, como a grande reportagem multimídia.

Mas, afinal, o *slow journalism* oportuniza a desconstrução de discursos estigmatizadores sobre a temática migratória? Considerando que a reportagem do estudo de caso é um exemplo da prática do movimento no país e proporciona a qualidade informativa sobre a migração, é possível que, de certo modo, esse formato de jornalismo possibilite o feito. No entanto, o jornalismo lento, enquanto movimento e na forma como analisado nesta pesquisa, não é capaz de lidar totalmente com a complexidade de noticiar as migrações porque, como já dito, lida também com o jornalista.

Assim, quando considerando que a jornalista responsável pela reportagem tenha dado respostas que coincidiram com a prática do *slow journalism*, completa-se a viabilidade do jornalismo lento para melhor tratar de assuntos delicados, como a migração. O que é reforçado pela experiência da jornalista na cobertura da temática, que ao juntar com a vida da migrante, apresenta as características de recepção que o produto lento propõe.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p.

COSTA, Edwaldo; LAGE, Nilson; TAKAHAMA, Suélen Keiko Hara. A xenofobia contra migrantes e refugiados venezuelanos estimulada pela desinformação da imprensa brasileira. In: COSTA, Edwaldo (Org.). **Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil 2**. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 47 – 58. Disponível em:

<https://sistema.atenaeditora.com.br/index.php/admin/api/artigoPDF/43329>

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo**: bases para sua delimitação teórica. Salvador: Tese (doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2003. 336 p.



GADINI, Sérgio L. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 33, p. 79 - 88, ago. 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. p. 53-68.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Svik. Tradução Adelaide La Guardia Resende, et all. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434 p.

LE MASURIER, M. Whats is Slow Journalism? **Journalism Practice**, v. 9, n. 2, 2015, p. 138 – 152. DOI: 10.1080/17512786.2014.916471

MANTOVANI, Flávia. Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-venezuelana-relata-experiencia-de-migrar-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2022.

NICKEL, B.; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O QUE É LENTO NO SLOW JOURNALISM? Uma análise da sua relação com o tempo. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, vol. 7, ano 7, n. 1, jan./jun. 2020, p. 14 – 33. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217227/001121234.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 12 de nov. 2021

PONTES, Felipe S. Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo: 30 anos de O Segredo da Pirâmide. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, vol. 13, n. 1, p. 154 - 181, jan. /abr. 2017.

PRAZERES, Michelle. Jornalismo lento: Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 2, n. 4, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31657>

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHUDSON, Michael. The Revolution in News That Nobody Named. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 20, n. 37, p. 19 – 27, dez. 2020. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622020000200002&lng=pt&nrm=iso Acesso em 25 fev. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução Cristhian Matheus Herrera. 5. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p.